This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

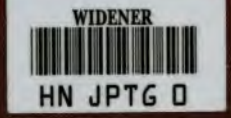
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

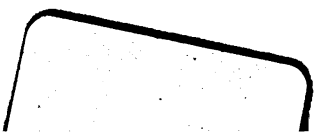
About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

SAL
9292
1.5



SAL 9292.1.5



ALBERTO DE OLIVEIRA

CANÇÕES ROMANTICAS

1877—1878

RIO DE JANEIRO

Typographia da — Gazeta de Noticias

72 RUA SETE DE SETEMBRO 72

1878

BOYVEAU & CHEVILLET
22, rue de la Banque
PARIS (TÉLÉPHONE)
Livres Anglais, Allemands
Italiens, Espagnols, Etc.
Achat de livres étrangers.

ALBERTO DE OLIVEIRA

CANÇÕES ROMANTICAS

1877—1878

RIO DE JANEIRO
Typographia da — Gazeta de Noticias
72 RUA SETE DE SETEMBRO 72
—∞—
1878

SAL 9292.1.5

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SAVOY, SALIA
COLLECTION
GIFT OF
[illegible]

OCT 4 1922

I

APPARIÇÃO NAS AGUAS

A ARTHUR DE OLIVEIRA

I

Venus, a ideal pagan, que a velha Grecia um dia
Vio esplendida erguer-se á branca flôr da espuma,
Cysne do mar Yonio
Mais alvo do que a bruma!
Visão, filha, talvez, da ardente phantasia
De um cerebro de deus;

Venus, astro – no mar e lagryma — nos céus;
Venus, quando eu te vejo a resvalar tão pura
Do oceano á flôr,
Das aguas verde-azues na humida frescura:
Vem da Grecia que é morta,
Abre do céu a mysteriosa porta
E em ti revive, ó perola do amor!

II

E' como um sonho immenso de gigantes,
Cortado de relampagos de assombros,
Esse espasmo em que fico, quando vejo
Desatar-se no olympico de um beijo
Os teus longos cabellos ondeiantes
Sobre o marmore sancto de teus hombros!
Ha como o abrir de Illyadas augustas
No siderico espaço que dominas;
Um como céu de deuses que se rasga
E um levantar de mysticas cortinas!
Depois, no fundo azul de um quadro immenso,
A visão núa, as carnes florescentes...

Sonhos... palpitações... deslumbramentos...
A voz apocalyptica dos ventos,
E um mysterio infinito
A dilatar as palpebras dormentes!

III

Que apparição de luz! Em breve, em breve
Vaes n'agua fluctuar!
Ah! que as ondas, cruel! não sejam labios,
E eu não seja o mar!
Hora esplendida e grande! No arvoredo
Que te sombreia ha um cantico piedoso:
Tudo recorda o Eden! Doce e a medo
Uma suave viração farfalha,
E ha uma benção que lucida se espalha
No azul religioso.
Parece que uma eolica alegria
Faz-se ouvir nas maritimas bafagens,
Por sobre as amplas superficies cérulas;
E que em vez dos orvalhos se desfia
Um rosario de perolas
Das encurvadas múrmuras ramagens!

IV

Clytia, a filha de Héllade divina,
Jamais foi vista assim do doudo amante
No lacteo banho! Como a grega Ondina,
Maior delirio e mais amor inspira
Teu corpo fluctuante
Sobre as aguas do mar mansas e mansas!
Ficam-te a flux as perfumadas tranças,
Tal no banho aromatico a Hetaïra!

V

Do meu amor os impetos não domas!
E ah! quem, como eu, não te adorára,
Si visse n'onda clara,
Como a suster-te, as tuas alvas pomas!
Quem não sentira n'alma esses arrancos,
Todo o ferver do interno cataclysmo,
Ao ver-te núa, ao ver-te os seios brancos,
As fórmas de Diana,
Banhadas de uma luz prometheana,
O' sideral apparição do abysmo!

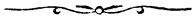
VI

.....

N'um relampago foges! A *alva* errante
Tambem sumiu-se na irial torrente!
Fechou-se a grande pagina brilhante
Da Illyada dos deuses!

.....

O sol ascende vagarosamente.



II

VAPOROSA

A ALUIZIO AZEVEDO

Passas na terra, sombra mysteriosa,
Sob lucidas fórmas deslumbrantes.
E perdes-te depois n'uns céus distantes
Entre os véus de uma estrella radiosa.

E a *alva*, que se ergueu miraculosa,
Pergunta aos genios, ás visões errantes.
Si não viram-te as azas alvejantes
Do azul roçando a face luminosa.

Atravez do infinito resplendente
Acompanho-te, ó luz! sigo-te, estrella!
E ao abrir das rosas do oriente,

Quando Venus do mar se ergue mais bella,
Do antro azul sobre a irial torrente
Vejo-te erguida inda maior que ella!

III

O IDOLO

A MANHÃES DE CAMPOS

Sobre um throno de marmore sombrio,
N'um templo escuro e ermo e abandonado,
Triste como o silencio e inda mais frio,
Um idolo de gesso está sentado.

E, como a estranha mão, quebrando a medo
A paz que envolve as funerarias urnas,
Um orgão canta os psalmos de um segredo
Pelas amplas abobadas soturnas.

Cae fóra a noite—um mar que se retrata
Sobre outro mar—dois pélagos azues!
N'um— as ondas, alcyones de prata,
N'outro — os astros, alcyones de luz!

E de seu negro marmore no throno
O idolo de gesso está sentado...
— Assim um coração repousa em somno....
Assim meu coração vive fechado.

XV

TRINDADES

AO DR FERREIRA DE ARAUJO

Sabes para onde vão meus pensamentos,
Lá quando o sol nos cerros se reclina,
E o coqueiral erguido na collina
Abre o espatho dos ventos ao rumor?

Sabes para onde vão meus pensamentos,
Nas horas em que a luz, que se desmaia,
Chora no mar que geme sobre a praia
A partida do sol que é seu amor?

Sabes para onde vão meus pensamentos ?
— Ah ! vão todos perdidos, vão a tôa
Buscar a sombra de tua casa branca,
Alevantada á beira da lagôa !

V

CALMA NO MAR

IMITAÇÃO DE MIÇKIEWICZ

Passa o vento de leve o pavilhão abrindo.
Incha a vaga, marulha e após queda se estende:
Assim virgem feliz por um sonhar infindo
A' illusão do amor, que adormentou-a e prende,
Acorda n'um suspiro e readormece rindo.

Sobre as vergas em paz, ao bonançoso ar,
Fecham-se as vellas, como ao fim de lucta horrivel
Se dobram os pendões; na marcha regular
O navio se embala quasi que insensivel,
Qual preso por cadêa ao fundo azul do mar.

Respira o marinheiro, e a multidão errante
Canta rindo e fitando o páramo arquejante.

O' oceano ! ó mar ! entre os teus ledos filhos
Ha um polypo que, estranho aos bonançosos brilhos,
A' calma, ao céu, á luz, do fundo do teu berço
Seus mil braços estende em um torpôr immerso.

O' pensamento humano ! em tuas profundezas
Ha uma hydra feroz de ensanguentadas prezas,
Que dorme ao batalhar dos Sonhos com a Paixão,
E que, quando na paz se envolve o coração,
Ahi vae mergulhar, matando os sentimentos,
Suas garras crueis, como punhaes sangrentos !

VI

TENEBROSA

Tu és como as visões de um cerebro doente.
Tens no teu grande amor o philtro da serpente.
O arsenico do Mal matou-te o coração.
Tu vives sem saber si acaso existe ou não
O archanjo da Fé, o cherubim da Crença.
O Tedio te envolveu nas azas da doença.
Tu és como um Calvario onde não ha mais cruz,
D'onde roubou-se o Christo e se extinguiu a luz.
Ha as tristezas de um claustro, a solidão profunda,
No teu céo sem clarões, no ar que te circumda.
O silencio do chão em que se vae pousar
Um feretro, essa paz sinistra, tumular,
O silencio da dôr que enrosca-se á caveira,

Tem antenas p'ra ti, prende te a vida inteira.
Tu és um lago escuro, um pantano fatal;
Em ti só cresce um lyrio—a negra flôr do Mal;
Tens no teu seio a Morte, e a superficie calma
Anda sempre a esconder-me o que te corre n'alma!
Seccas-te ao sol, á chuva, aos canticos do dia,
Assim como se extingue e se esvaece e esfria
Uma lagryma negra em palpebra de gelo.
Tu és a encarnação de um torvo pesadêllo,
Ligado á minha sombra e preso á minha dôr;
E's da Morte e da cova, e és do meu amor!
. . . . . .
Que sejas triste, embora, e sejas muda, muda...
Que a Dôr crave-te mais sua lanceta aguda,
Que o Mal te dilacere e a Febre te ajoelhe,
Que a figura da Morte o teu semblante espelhe,
Que morda-te da Angustia a garra envenenada,
Que escutes a descer das solidões do Nada,
Como um velho tambor rufando compassado,
As musicas do Horror!... Que morras!
— Ao teu lado,
Aqui, em toda parte, a te seguir asinha,
Minha serás, mulher! eternamente minha!

VII

O COLLAR

Oh! quanto és bella agora
A um raio que te beija
A fronte onde branqueja
A perola da aurora!

Beija-te os pés e chora
A fonte, e lacrymeja!
Que tudo e o céu te veja!
Oh! quanto és bella agora!

Do marmor na bancada
A mão de uma alvorada
Ahi deixou ficar,

— Mimo da luz á flôr, —
De lagrymas de amor
Um lucido collar!

VIII

A' SOMBRA DAS ARVORES

E' esplendida a alameda !
Ao grande olhar divino
O canto matutino
Entôa Rig-Veda !

Esvoaçando leda,
Ao matinal destino,
A cada flôr um hymno
A viração segreda !

Escorrem como a medo
Das franças do arvoredo
As lagrymas de um astro!

Oh! doce maravilha!
Vae tu colhel-as, filha,
Ao cóllo de alabastro!

IX

QUADRO ANTIGO

A THEOPHILO DIAS

Da selva em que se abre o cactus,
E onde o coqueiro esguio
Remira os longos espathos
No molle espelho do rio,

O amor por vezes eu libo,
Na phantasia serena,
Sonhando a filha morena
De alguma guerreira tribu.

.....

E' á calma de um dia ardente :
Arqueja o jaguar com sêde...
Oh! quem me dera essa rêde
Que está de um ramo pendente!

— India dos bosques em paz,
Que noite na tua côma!
E sob teus pés que aroma
Nas flôres do sassafraz!

Mas quem de tão ledos brilhos
Esta paisagem me traça,
Si estão, ha muito, teus filhos
Extinctos, cabocla raça!

.....

Por muitas vezes eu libo
Essa chimera serena...
— Ah! flôr das tabas morena,
Que é feito de tua tribu?

O PRIMEIRO BEIJO

Ao seio bom das plantas,
Ao seio perfumado
Envia um beijo amado,
O' sol que te alevantas!

Do amor divinisado
As harmonias sanctas
Cantae, cantae no prado,
O' matinaes gargantas!

Fsplenda á luz, ao canto,
O que ha de puro e sancto;
Eleve-se a espiral!

Que eu beijo-te, mimosa,
A alvura setinosa,
O seio virginal!

XI

VISÃO DAS RUINAS

A L. NICOLI.

A historia dos falsos deuses,
Suas mythicas legendas;
As tradições apagadas,
As velhas extinctas lendas;
Os caídos monumentos,

Já sem plinthio e sem fachadas;
Os alcaçares sombrios,
Onde os genios erradios
Vinham na alma dos ventos
Chorar o amor dos heróes
E o romance das rainhas;
Os palacios derrocados,
Ermos, sinistros e sós,
Na muda noite plantados;
Castellos já sem ameias,
E os mochos e as andorinhas,
Ensombrando os pavimentos;
As subterraneas moradas
De largos assombros cheias;
As vastas fundas escadas,
Os silenciosos retiros,
As agrestes solidões,
D'onde escapavam suspiros
E as brancas apparições;
Todas as velhas balladas,
Todas as tragicas lendas,
Todas aquellas imagens
Ruinosas, frias, tremendas,
Sinistras e desoladas;
Atravez de cada edade,
Do tempo á gasta ampulheta,
Como Valmeyars que gyram,

Têm um lago onde reflectem-se,
Um espelho aonde se miram,
Maior do que a immensidade:

— E' o coração do poeta!

XII

INTERIOR

A THOMAZ ALVES FILHO

Seria pouco mais de uma da madrugada.

Um filho, um'alma em flôr,
Louro, angelico e puro,
Despertando áquell'hora, a medo, pelo escuro,
Pôz-se a chorar, chamando á lagryma arrastada
Por um nome que é paz, conforto, luz e amor.

— Mãe !

E então a essa voz, que a toda e qualquer hora
O coração escuta,
Do leito conjugal a pallida madona,
Casta, doce, impolluta,
Como um sonho infantil, meiga como uma aurora,
Se ergue, toma as mãos, os candidos bracinhos,
Pendurados do berço,
O corpo, aquella flôr nascida de uns carinhos,
E ungindo-o de luz, no seu olhar immerso,
Aos seios o conchega.

Oh! grande e eterno amor!
Qual é mais do que tu? Ao teu supremo encanto,
Sente aquelle que chora as bagas de seu pranto
Transmudarem-se em luz de um mago resplendor!

Um raio de luar
Baixou, como o clarão que desce de um altar,
Por uma fresta, e alli permaneceu brilhante.
A'quella nivea luz,
Ao fundo,—emquanto a mãe amamentava o infante,
Brilhava o corpo nú de um livido Jesus!

E, ah! talvez, quem sabe? áquelle mesmo instante,
Em algum becco escuro,
Os torpes libertinos das vielas
Um jacto salivado de improperios
Cuspiam ás estrellas!
Emquanto á luz dos lampeões funereos,
—Como sombras n'um chão de bacchanal,
Uns cães magros uivavam tristemente,
Trotando o lamaçal!

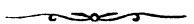
XIII

ONDULAÇÕES

A' flôr da vaga errante em placidez oscilla
Um barco triste e escuro, ao mar abandonado:
Banha um luar de jaspe o firmamento arqueado;
A noite é calma e doce, a viração tranquilla.

E áquella claridade incerta e duvidosa
Brilha a esteira da espuma, o rasto luminoso;
E o navio sem dono e placido e morôso,
Vae na onda imprimindo a sombra silenciosa.

De onde vem ? quem o leva e qual seu rumo e porto ?
.....
Ah ! quanta vez tambem n'um mar illimitado,
Emquanto o ar é puro e o páramo estrellado,
Não bóia o coração silencioso e morto !



XIV

TRIUMPHO SATANICO

A PEDRO PAULO DO AMARAL

Ao voltar uma vez do casarão sagrado,
Onde a levava sempre o seu amor piedoso,
Unido a um nome vil um ramo perfumoso
Entre as folhas achou de seu missal doirado.

A'quella seducção do estupido Peccado
O phantastico olhar não lhe brilhou trevoso;
O mimo arrebatando ao seio religioso,
Guardou-o nas paixões do seio delicado.

O bom templo de Deus sentiu a mão profana
Desse crime cruel. Naquellas sedas pretas
Já não lhe havia um'alma!
Hosanna! hosanna! hosanna!

Soltem-se, pois, ao Mal as barbaras grilhetas!
Tu só fragil não és, ó creatura humana!
— Satan comprou Jesus com um ramo de violetas.

XV

NA ALAMEDA

A MARIANO DE OLIVEIRA

Pela alameda sombreada e fresca
Eu e ella, ella um tanto romanesca,
Um tanto aerea quasi, iamos indo...
Estava o dia lindo,
E aos nossos pés, na molle humida arêa,
Vestindo uns tons de ochre, um quasi louro,
Uns fragmentos do sol das cinco e meia
Luziam semeados,
Como pedaços de ouro.

Uns grupos mythologicos de gesso,
Aqui, além dispersos,
Uns de um lago na margem,
Outros á sombra, em doce paz immersos,
Ao nosso andar surgiam,
Como imprudentes Satyros que riam,
Espreitando entre os claros da folhagem.

A rua um tanto morta,
O ar calmo, parado,
De um pequeno *chalet* romantisado
Ouviamos fugindo pela porta
Os sons d'uma aria soluçada ao piano!
Mas além, para o mar,
Talvez do ferreo cano
De alguma embarcação, subia ás vezes
Um som vibrante que acordava o ar.

— As mãos postas nas minhas:
Si tivessemos azas! Si um só dia
Fossemos nós quaes são as andorinhas!
E me fallou da Italia;
Era o seu idéal! Por noite fria
Um passeio no golpho, quando extatico
O céu azul esplendido se espalha
Se negligenciando no Adriatico!

E sua voz rythmica, suave,
Cheia do fluido de um celeste beijo,
Doce como a harmonia,
Punha-me n'alma o vago de um desejo,
O desejo de ter, como dizia,
Azas assim como as que tem um'ave!
.....
Fomo-nos esquecendo brandamente
Da doirada illusão.
Daquella douda, fugitiva imagem;
Ella fallou do lar: deixal-o? Não!
Eu lhe fallei do tédio da viagem.

A tarde sobre as arvores ruidosas
Punha os sons de umas musicas saudosas,
Um como anceio langue;
Do repucho até nós chegava o chôro;
Ia findando o dia
Com uma tristeza morbida, sombria,
E longe, longe, alfinetado de ouro
Tombava o sol, como um borrão de sangue!

XVI

TOILETTE LYRICO

A BELISARIO DE SOUZA

Trovadores do campo amadornado,
Afinai a garganta ao desafio,
E tecei com os do vento pelo rio
Uns idyllios ao nitido azulado.

Poetas do lyrismo condemnado!
Eu quero vos colher no som doentio
A esse *spleen* matutino o desfastio,
Com as caricias do ar romantisado.

Trovadores, cantai! O alpestre monte
Já do seio cerrado do horisonte
Sacóde as grandes barbas alvadias;

A' *moderna* se veste a natureza,
E de um novo banquete á lauta mesa
Ouço as risadas das manhãs vadias!

XVII

TENEBROSA

A PONTES JUNIOR

Sei que te apagas, que te esvaes, que em breve,
Triste, onde a luz do sol doirou meu rumo,
Mas não verei que do meu sonho o fumo
A me cercar n'uns halitos de neve;
Sei, e que importa, em teu olhar errante
Chispe essa luz tão intima e tão pura,
Que já te morde o seio palpitante
O horror da sepultura!

A sagrada irrisão não vem-me á vida,
Como um bronze, esmagar-me o pensamento;
Sei me erguer, si me abate o soffrimento,
Sei sorrir, quando sangra-me a ferida;

Não que a alma de cynica não trema,
Nem o espirito encha um lume baço;
Mas é que o peito, quando a dôr extrema,
Tem a rijeza do aço!

Que á tona d'esse rio te emballance
A ultima esperança resplendente,
Até que, quando a vista não te alcance,
Submerja-te a perfida corrente;
— Eu que espalhei por todo o céo meus sonhos,
Que soltei pelo azul das alvoradas
Esse bando de passaros risonhos,
Essas pombas sagradas;

Eu lhes direi, ás intimas errantes,
Que, quando subas ás regiões serenas,
Tragam, volvendo á terra, uma das pennas
Que te enfeitam as azas deslumbrantes;
E n'esse grande amor que inda me aviva,
A's tristezas achando um desafogo,
Vêr-te-hei sempre minha, qual si viva,
Corôada de um circulo de fogo!

XVIII

O sol se levantando em vão forceja
D'encontro aos doze vidros de diamante
Que tem tua vidraça;
Elle é grande de mais p'ra que te veja;
Não cabe no teu ninho palpitante;
E por isso o sol passa.

Minh'alma, como o sol, em vão forceja
Contra as grades que tens no peito amante,
Em vão tenta-as quebrar!
Ella é um atomo, flôr! e te deseja;
Bem cabe no teu ninho palpitante...
Deixa-a entrar, deixa-a entrar!

XIX

TARDE ROMANTICA

A CARVALHO JUNIOR

Obliquamente o sol, em purpuras velado,
Fere com um beijo morno o crespo transparente,
E aos halitos da luz o tepido ambiente
Envolve se n'um véo prismatico e doirado.

Trescala o incenso, a myrrha, o cravo rescendente
Nas jarras orientaes; então do cortinado,
Medrosa, abrindo os véos, n'um gesto namorado,
Eil-a a Bacchante núa! a Sylphide ridente!

Faz-se, agora, talvez, como um mysterio extranho....
A carne sensual, refrigerada ao banho,
Toma os crivos, a renda, os folhos, o setim;

Emquanto n'agua fresca e lactea e perfumada,
O roseo sabonete, a flôr purpureada.
Desbrocha entr'alva espuma a ponta de carmim.

XX

MYSTICA

A JOAQUIM MALDONADO

I

Quanta vez, como um'ave mysteriosa,
De ermo em ermo vagando,
Entre a luz, entre o fumo,
Não tenho o meu olhar lançado ao céu, sem rumo,
E o não tenho deixado adormecer chorando
No azul de alguma noite esplendida e formosa!

Quanta vez, como lagrima suspensa
E que se esvae a um vento repentino,
Não sinto-o que me desce,
Que frio como a neve a palpebra amortece,
N'aquella noite immensa
Cheia do resplendor metallico de um hymno!
Quantas se prende e engasta
Lá n'esse rio, cujas vagas cerulas,
Estrelladas de lyrios scintillantes,
Rolam ondas e ondas de diamantes,
E onde as mãos de uma alvorada casta
Ha semeado um turbilhão de perolas!
Quantas não paira incerto,
Ouvindo de cem mundos gloriosos
Os longinquos rumores sonorosos,
Como um bater de ventos no deserto!

II

D'onde esse errar de mundos sobre mundos,
Esse errante bater d'azas cançadas,
Em viagem de pélagos profundos,
No mysterio das noites encantadas?
Quem me arranca do intimo este anceio
E m'o arremessa ao fundo das alturas,
Como um crystal que arroja-se no seio
De umas ondas escuras?

D'onde o vago mysterio tenebroso
Que o somnolento espirito circumda,
Si de um orbe a outro orbe luminoso
Mais entranha-se errante e mais se afunda?
Quando as harpas dos páramos vibrantes,
Psalmodeando os canticos do dia,
Entornam, como chuva de diamantes,
Os concertos da mystica harmonia;

Quando, como os belligeros arnezes,
A refulgente lamina divina
Umas vezes oscilla e n'outras vezes
De um metallico brilho se illumina;
Porque, si a estrella d'alva immaculada
Desbrocha, como um lyrio n'Oriente,
Outra estrella, outra nuncia d'alvorada,
Ha de acórdar-se em nós resplandecente?
.....
.....

III

No esplendido luar das noites brazileiras,
Seguindo a apparição da lucida poesia,
Como um passaro abrindo as azas forasteiras,
Assim meu triste olhar se perde e se extasia!

E quando sobre o azul do pincaro dos montes
Seu estandarte d'oiro a madrugada planta,
Sinto-o apagar-se, assim dos largos horisontes
Foge a estrella da noite ao sol que se alevanta!

XXI

AO SOL POENTE

A ARTHUR AZEVEDO

Lembra-te ainda a tarde, aquella tarde quente,
A' porta de teu lar, na intima ventura?
Como o dia era bello, e como estavas pura!
Como eu te segredava o meu amor ardente!

Que doce embriaguez da sombra na frescura,
Alli, á claridade amiga e transparente
Do romantico sol avermelhando o poente,
Alli, onde eu beijei-te os dedos na costura!

Longe, através da cerca, os prismas delicados,
As arvores, da relva os tons amaciados,
Dos muros a brancura, o aspecto dos jardins ..

Oh! lembras-te? Do amor á intima fagulha,
Eu, ao teu lado, flor, ouvia a tua agulha
Gemer como um punhal no peito dos setins.

XXII

Do frio Danubio á flux
Se erguem, fitando as correntes,
Da lua aos pingos de luz,
Umas ficções transparentes.

São as Walkirias medrosas,
Anjos do amor passageiros,
Que surgem vertiginosas
Do gelo dos nevoeiros.

.. ..
Do teu olhar aos clarões,
Fugazes como um conforto,
Tambem se miram ficções
N'est'alma—um Danubio morto

XXIII

Outros sonham, talvez, dos olhos teus na onda
Embarcar-se a correr os mares ideaes,
Ou por ella descer, como ligeira sonda,
A's perolas do golpho, aos bancos de coraes.

Tens a riqueza vã de Ophir e de Golconda!
Nos teus olhos azues, brilhantes, immortaes,
Eu não sonho, eu não quero as cousas triviaes;
O que eu sonho, o que eu quero o meu amor esconda.

Não os quizera ver sob esse véu de tulle,
Nem velados assim de extasis saudosos!
Eu quizera inspirar-te uma paixão exul!

Quizera, ao te lançar n'um vortice de gosos,
Minar como um obreiro esse rochedo azul
E assistir á explosão dos vicios luminosos!

XXIV

TORTURAS DO IDEAL

A JOSÉ DO PATROCINIO

I

Podeis sorrir, abrir-vos,
Rosas e violetas!
Enchei esse ambiente
De essencias predilectas!

Podeis voar, ó passaros!
A selva se perfuma!
— O meu amor não tolda
A mais cerrada bruma!

O meu amor é e'erno!
Immenso e immorredouro!
E' o sol radiante, altivo,
O astro grande e louro!

Não vos fecheis, ó lyrios!
Não vos murcheis, ó rosas!
O' madresilvas brancas,
Abri-vos perfumosas!

A luz matinal banha
Do monte a verde espalda.
Voai, voai, esp'ranças,
— Insectos de esmeralda!

Enchei, laranjaes verdes,
O chão de brancas flôres!
Cantai, aves do céu,
Alados trovadores!

O meu amor é eterno!
A essencia de que veio
É o fluido luminoso,
Que os astros têm no seio!

II

Eu tenho sobre as nuvens
Esplendidos castellos!
Para me alçar da terra
A' tão altas moradas,
Subo pelas escadas
Das tranças de uns cabellos!

Das suas aureas torres,
As minhas esperanças
Debruçam-se p'ra ver-me,
Como gentis creanças!

Tem cada qual nos labios
Não sei bem que poemas,
E prendem seus cabellos
Uns lucidos diademas.

Pelas janellas sempre
Entra o luar em cheio
E entorna de seu seio
Sobre as tapeçearias
Per'las, doiradas conchas,
Luzentes pedrarias.

Nos minaretes altos,
Quaes passaros de luz,
Pousam milhões de estrellas,
Milhões d'astros azues.

N'essas regiões ignotas
Só eu penetro ousado;
Lá vive o meu amor,
O lucido exilado.

Para me alçar tão alto
A'quelles meus castellos,
Uns olhos são me — guias,
E escadas — uns cabellos.

III

O meu amor é um mundo
Bello e desconhecido,
Nas regiões perdido
De uns astros sideraes ;

Onde ha um luar eterno,
Em fundo azul radiante,
Que enche a cada instante
Os mares de crystaes.

Onde creanças louras,
Cheias de pallidez,
Soltam as tranças aureas
Dos hombros na nudez.

Onde encantados genios
Se cruzam pelo espaço,
E os sylphos adormecem
Dos sonhos no regaço.

Oh ! não me bate o seio
De alguem o ir buscar !
Tão alto fica !—A elle
Quem leva-me é o luar !

IV

Que sombra pesada é esta
Que passa, a cada momento,
No meu bello firmamento
Vestido de gala e festa?

Porque ao pé da alegria
Ha de se erguer a tristeza,
A noite junto do dia,
Diz-me porque, Natureza?

Pois para tudo uma sina
Assim tão negra creaste?
Porque pende a flôr na haste
Ainda á luz matutina?

E a nós, no viço da idade,
A' luz da vida tão nova,
Porque o problema da cova,
O *umbra et nihil* da eternidade ?

Porque no nosso degredo,
Nos fere sempre esse espinho ?
Porque topar no caminho
Sempre a morte—esse rochedo ?

E sempre essa voz que illude,
Essa alegria fingida !
Pois póde haver luz na vida,
Si ha sombras sobre o ataúde ?

Que grande, negro mysterio
E' esse que nos circumda,
E que fatal nos inunda
De um frio pallor funereo ?

Haverá na morte um porto
P'ra os nautas da tempestade ?
Será um mar a eternidade ?
— Qual o destino do morto ?...

Que sombra pesada é esta
Que passa, a cada momento,
No meu bello firmamento
Vestido de gala e festa?

V

Onde estaes vós, que eu via
Quasi a roçar por mim,
Astros do meu amor?
Estrellas que eu sentia
Abrirem-se ao meu lado,
Como botões de flôr!
Que bruma vos esconde
Lá n'esse céu fechado?
Onde é que estás, aonde,
O' minha phantasia?

Quem despertar-me veio
A vida no meu seio,
A vida, á luz do dia,
Quando, entre sonhos mansos,
Eu só amava a noite,
O' minha phantasia?

O' sol! vae tu nas aguas
A fronte mergulhar!
Crepusc'lo! luz do dia,
Esparecei no mar!
— Chegae, chegae da noite,
O' sombras perfumosas!
Vinde ennastrar de rosas
Meu leito de sonhar!

VI

Vozes no ar

As minhas azas são brancas
Como um novello de espumas;
Como as perolas cahidas
Do alvo collar das brumas!
Sobre as minhas azas brancas,
Vem!
— Que tantas mulheres bellas!
Que tão formosas donzellas
Ha, além d'aquellas estrellas,
Além!

As almas que o sol receiam,
Que temem do sol as brazas,
Eu, doce raio da lua,
Conduzo nas minhas azas!
Sobre as minhas azas brancas,
Vem!
Ha, d'esta terra distantes,
Mil palacios deslumbrantes,
Cobertos de diamantes,
Além!

Que clara é a noite, e formosa!
Que face de céu tão nua....
— Quem és tu que assim me fallas,
N'um frio raio da lua?
— Vem nas minhas azas brancas,
Vem!
Que tanto seio se agita
Além na plaga infinita!
Que tanto sonho palpita,
Além!

— Eu sou a filha dos ermos,
Das soledades azues!
Deixou-me, errando na noite,

Uma orvalhada de luz;
Sobre as minhas azas brancas,
Vem!
Cem estrellas luminosas
Estão se abrindo, como as rosas,
Lá nas campinas formosas,
Além!

VII

Cantai, genios do azul,
O' bardos invisiveis!
Cantai do meu amor
As trovas immortaes!
O pensamento exul
Desterra os impossiveis!
Ha sempre um mundo em flôr
No ceu dos ideaes!

Cantai, lyras sonoras,
O' harpas diamantinas!
Meu céu, meu mundo esplende
A' branca flôr do luar!
Eternas são as horas!
Passai, doudas ondinas!
O' mar! a voz suspende!
Astros — enchei o mar!

VIII

Por uma escada brilhante,
Que do céu prende-se á terra,
Minha alma, saudosa amante,
Sobe até o mundo distante
Em que seu amor se encerra.

Depois de na estancia pura
Gozar de uns sonhos de paz,
Quer voltar á terra escura;
Procura a escada, procura...
Procura... não a vê mais!

IX

Eu ia uma noite, só,
Cortando os ares azues,
Buscar-te as azas de luz
Com as minhas azas de pó.

Quando no fino alabastro
Das mil estrellas tocava,
Todo o meu ser se inflammava
Do vivo fogo de um astro.

Era que as chammas dos céus,
Que aquelles cyrios bebiam,
Dos teus olhares partiam,
Dos grandes olhares teus.

E foi porisso que, só,
N'aquelles ares azues,
Senti tornadas de luz
As minhas azas de pó!

X

I

A's vezes eu não sei
Que magua me lacera,
Que mesmo nem quizera
Te ver ao pé de mim.

Me pungem teu olhar
E tua voz serena;
Não posso olhar sem pena
O teu semblante assim.

II

Que sempre a nós nos fira
A dor d'essa tristeza!
O' mundo! ó natureza!
Que tendes sobre nós?

Que existe além da sombra?
Accaso ao fim do dia
A' noite erma e sombria
Iremos ter a sós?

III

Além, por terra estranha,
O meu olhar divaga:
— E' linda aquella plaga!
Eu amo aquelle céu!

Alli, sob o arvoredo,
A vida como fôra,
A' claridade loura
De algum luar sem véu!

IV

Mas ah! em toda a parte
O grande horror se encerra!
E' feia, é vil a terra!
Eu nunca amei-a, não!

Um'arvore é um cypreste...
Eu temo-te, arvoredo!
E como fazes medo,
O' pallido clarão!

V

Que mão que nos acena
Sempre atravez de um sonho?...
— O' tumulo! és medonho!
O' morte! és sempre assim!

.....

As vezes eu não sei
Que magua me lacéra,
Que mesmo nem quizéra
Te vêr ao pé de mim!

XI

Como sudarios. vejo
As nuvens se arrastando,
E ouço a voz longinqua
De uns genios pranteiando.

E a lua que apparece,
Com a alvinitez de um lyrio,
Pasma porque a um morto
Irá servir de cyrio.

Como um lençol de morte,
Se alarga o véu da bruma
No ar pesado e frio;
E o céu sem luz nenhuma,

Vejo arquear-se tremulo
Cheio de nodoas pretas;
Na terra, como uns ais,
Morrem as violetas!

O' noite! no teu seio
Ha um grande cemiterio!
Ergai, sombras do tumulo!
O' filhas do mysterio!

O' meu amor! teu feretro
Que não cabe no mundo,
A noite vai guardal-o
Ao seio seu profundo!

XII

Era ao morrer da noite.
Eu via o negro bando
Das sombras, pouco a pouco,
Se ir evaporando;
E pranteiava, quando,
Argentea, luminosa,
Vi da amplidão superna
Uma encantada lagryma
Rolar s'lenciosa.
E n'isso— o olhar immerso
No céu,— se desfaziam
As nuvens; as estrellas
No azul appareciam.
E então, qual essa lagryma,
Immensa, alva, divina,
Vi levantar-se tremula
A Venus matutina!

XIII

Quando ao ideal ainda
Leva-me a phantasia,
Lá n'um paiz escuro
Onde não chega o dia,
Sinto, nas noites minhas,
Chegar do pensamento
As ageis andorinhas.

Ahi, sobre esse mundo,
Ha um dystico funereo,
Um lugubre—aqui jaz—
— N'aquelle cemiterio
O meu amor profundo
Está dormindo em paz!

XIV

A FONTOURA XAVIER

Eu não leio sómente a historia dos amantes,
Os ternos madrigaes que o coração suspira;
Não vivo só de olhar a lyrica saphira
Do amadornado céu, nas noites gottejantes.

Tambem sei me enlevar, si, em sacrosanta ira,
O Bem calca com os pés os Vicios arrogantes,
E, como tu, folheio a lenda dos gigantes,
E sei lhes dar tambem uma canção na lyra.

Por isso, de meu quarto os tres degráus subindo,
Verás sobre o Intermezzo a Ilyada se abrindo,
Emquanto, ao muro, além. velando a filigrana,

Como faz um fidalgo aos pallidos avós,
Está um Bayard guerreiro aos pés d'uma sultana,
As Venus ideaes ao lado dos heroes.

XXVI

O MEZ DE OUTUBRO

A ARTHUR AZEVEDO

Ventava um tanto a Leste. Ao longe, onde diffusa
Via-se uma suave e molle claridade,
A um cerro, a uma rocha, a um monte em orphandade
A neve preparava a algodoada blusa.

No silencio do ar havia um quer que fosse
De uma asa a fechar-se. A olympica frescura,
O azulado ideal das petalas da altura
Tinha os tons de um sorrir religioso e doce.

Havia um bocejar de luz prometheana.
Era a estrella a morrer. Um vinho de luz turva
Ia enchendo do céu a taça semi-curva
Voltada na amplidão com uns tons de porcellana.

Começou a cantar um'ave n'esse instante ;
E alguem que contemplasse as vias luminosas,
Veria um apertar de mãos mysteriosas
E uns deuses a correr no paramo arquejante.

Depois um ciciar de boccas e de arminhos,
Como um beijo na sombra. Após, no descampado,
O silencio em que fica um leito abandonado
Na branca confusão das rendas e dos linhos.

A luz sarjava o ar de um sentimento lubrico.
O oceano acordou-se á uma harmonia extranha,
O sol poz-se a espiar por trás d'uma montanha...
— Foi assim que se fez o bello mez de Outubro.

XXVII

LUZ NOVA

A A. BARREIROS

I

De ha muito eu ando a pensar
Si o louro de tuas tranças
Será mais que o do luar
Das minhas novas esp'ranças;

E si haverá por ventura
Em todo o lago dos céus
Um cysne de mais alvura
Que o cysne dos sonhos meus.

E' um prodigio, um portento
Ver n'um instante mudado
O escuro de um céu nublado
No azul de um bom firmamento.

E foi o que tu fizeste,
O' loura! n'est'alma inteira:
Plantaste um pé de roseira
Aonde eu tinha um cypreste!

II

Por muitas vezes eu scismo
N'essas mudanças seguidas,
Em que, de abysmo em abysmo,
Ou salvam-se muitas almas
Ou perdem-se muitas vidas.

Porém de taes resplendores
Me appareceste banhada,
De tal luz, de taes amores,
Inconcebiveis, profundos;
Que, ao ver-te assim rodeiada,
Fiquei com a fronte suspensa,
Pensando na luz immensa
Que corre nos outros mundos!

III

Disseram-me hontem, filha,
Fallando-se a teu respeito,
Que alguem que ouvira teu peito
Bater por sob a escomilha ;

Que alguem, algum trovador,
Que com a tuba dos tinteiros
Cantava assumptos guerreiros
Mas não assumptos de amor ;

Ao desfolhar de um sorriso
De acre ironia manchado,
Puzera a penna de um lado
Rompendo n'um improviso.

Aquelle olhar fundo e celico
Todo esvaiu-se n'um cantico,
E o nosso trovador bellico
Fez-se poeta romantico.

Quiz crer... mas tu me disseste
Que tens o peito gelado,
Como o marmor olvidado
No olvido de campa agreste!

IV

A' noite, quando reunidos
A' ceia, em redor da mesa,
Em frente um d'outro sentados,
Ah! me parece que escuto
Gemer a minh'alma prèsa
Na roda de teus vestidos
Por nossos pés espalhados.

Depois eu sinto que a bebes
De gole em gole, tyranna!
Si do teu labio approximas
A chic'ra de porcellana.

Mas n'esse engano em que, lento,
Sómente eu sinto os abrolhos,
Para vingar-me, sedento,
Erguendo a chavena pura,
Creio que ao chá de mixtura
Estou bebendo os teus olhos!

V

Metade nos teus cabellos,
Outra metade affastada,
Minh'alma vive abafada
Na gemonia de uns anhelos!

De que lhe valem as azas
Que lhe déste pr'a voar,
Si ella ascender nunca póde
Ao teu sacrissimo altar!

És a estrella que clarêa
E foge,—a onda que alaga;
— Onda,—chamaste-me a arêa,
Astro—chamaste-me a vaga.

Ah! que eu só veja em assombro
Todos os dias, ó flôr!
A garça do teu amor
Pousar-me por sobre o hombro!

E que seu vôo suave,
Pelos rosaes do caminho,
Não siga, como uma ave
Que vai em busca do ninho!

VI

Quando o teu olhar se embebe
Em meu olhar, lenta, lenta,
Ha uma fonte que rebenta
Em o meu peito—esse Horeb!

E todo um povo que anceia
E que me enche o interior,
N'essa crystallina veia
Estanca a sêde do amor!

Por isso quero-te ao perto;
De ver-te nada me impede,
Pois dóe me o grito de sêde
Das multidões no deserto.

VII

Não sei onde ha mais pennas:
Si no leito de teu cóllo,
Si no das crenças serenas
Que abriste p'ra meu consolo.

E' de uma belleza extrema
Tua voz si balbucia
Esse cantico—Maria!
E—Jesus—esse poema!

Si fallas dos céus, dos astros,
De Deus, da luz, d'alvorada,
Quando, branca, ensanguentada,
Morria-me a fé de rastos!

Não sei onde ha mais pureza:
Si no olhar que diz—amor!
Si no que exclama—Senhor!
E diz após—Natureza!

VIII

Quando, ao meu lado, eu, assim,
Vejo-te aerea e tão bella,
Que até te julgo uma estrella
Suspensa por sobre mim...

Quando te sinto ao meu lado,
Tão pura, tão casta, ó pomba!
Como uma benção que tomba
Lá do azul immaculado...

Quando—pequenos gigantes—
Em mim teus olhos tu cravas,
Teus olhos—setineas lavas,
E como que palpitantes...

Quando essas duas turquezas
D'est'alma lanças n'oceano,
Com o collar indiano
D'aquellas mortas princezas...

Ah! eu não sei o que exprime
Todo o meu ser n'esse effluvio!
Sente as flammas do Vesuvio...
Sente as vertigens do Crime!

IX

Aquella florzinha azul
Que hontem trouxeste do campo,
E que era o berço anilado,
Talvez, de algum perylampo,
Pelos vargedos exul;
Morreu... seu rosto esmaiado
Tinha... não sei bem a côr;
Tinha a côr do leito amado,
Onde, lampyrio adorado,
Tu dormes, ó meu amor!

X

Eu sei que mais que aos meus versos
Amas á noite escutares
A voz de alguma viola,
Os sons d'uma aria hespanhola
Pelos serenos dispersos.

E' que, disseste uma vez,
Ha um quê de mais harmonia
N'estes sons que a poesia
De teus versos nunca fez.

Para poder te agradar
Hei de mandar ajuntar
A's cordas de minha lyr

As cordas de um bandolim ;
E quando eu cantar, assim,
Do amor na volupia immersos,
Ao céu não leves o olhar,
Porque na luz do luar
'Starão chorando os meus versos.

XI

Não amo o lar em que moras,
E eu sei que é lindo o teu lar,
Pois a tua casa branca
Tem janellas para o mar!

Temo, é que amo-te e muito!
Temo que o monstro algum dia,
Saltando da jaula fria,
Não queira te arrebatar.

E's minha só, e por mim
E' só que deves pensar...
Porque passeias na praia?
Porque contemplas o mar?

Não amo o teu lar! Si eu fosse
A viração, ao passar,
Fechára aquella janella
Que se abre para o mar!

XII

Como tu vês, no meu peito
Lançaste este amor profundo,
Que eu não acho um mundo aonde
Me abrigue com este mundo.

A mim, pequeno que era,
Encheste de luz tamanha,
Que eu me pareço um gigante
Carregando uma montanha.

E em meio de meu caminho,
Eu sei, s um dia cançar,
O peso d'esta montanha
Ha de expremer-me e esmagar.

E sob esse peso enorme
O que serei eu?—Me aterra
Ver o azul—esse infinito—
Sobre essa migalha—a terra!!!

XIII

Estas pequenas canções
Cheias do amor que me déste,
Que pensas? Quando morrermos
Terão tambem seu cypreste?

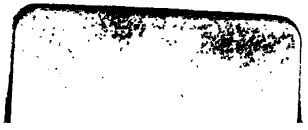
Não! Dos lyrios de teu peito
Nas urnas immaculadas
Eu pedirei que deponham
Essas canções mal rimadas.

Depois... Ramalhai, salgueiros!
Luares brancos, brilhai!
— Estão aqui dois amantes
Adormecidos n'um ai!

FIM

INDICE

		PAGS.
I	Apparição nas aguas.....	1
II	Vaporosa.....	9
III	O idolo.....	11
IV	Trindades.....	14
V	Calma no mar.....	15
VI	Tenebrosa.....	17
VII	O collar.....	19
VIII	A' sombra das arvores.....	21
IX	Quadro antigo.....	23
X	Primeiro beijo.....	25
XI	Visão das ruinas.....	27
XII	Interior.....	31

		PAGS.
XIII	Ondulações	35
XIV	Triumpho satanico	37
XV	Na alameda	39
XVI	Toilette lyrico	43
XVII	Tenebrosa	45
XVIII	O sol se levantando em vão forceja	47
XIX	Tarde romantica	50
XX	Mystica	51
XXI	Ao sol **poente**	55
XXII	Do frio **Danubio a flux**	57
XXIII	Outros sonham, talvez, dos olhos teus na onda	59
XXIV	Torturas do ideal	61
XXV	A' Fontoura Xavier	93
XXVI	O mez de outubro	95
XXVII	Luz nova	97

This book shoul
Library on or before